

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

A Cinemateca com o Queer Lisboa, Resgatar Futuros: O Cinema Queer Vê-Se ao Espelho
19 de Setembro de 2026

FATUCHA SUPERSTAR / 1976

um filme de JOÃO PAULO FERREIRA

Realização, Montagem, Canções: João Paulo Ferreira / **Decoração, Vestuário, Assistência de Realização:** Óscar Alves / **Interpretação:** Fefa Putollini (Nossa Sra. de Fátima, Fatucha), José Cabecinha (Lúcia), José Manuel Rodrigues (Jacinta), João Carlos (Francisco), Domingos Oliveira (Deus Pai).

Produção: Cineground (Portugal) / **Cópia:** em DCP (suporte original em Super 8mm), cor, em português, legendado electronicamente em inglês / **Duração:** 44 minutos / **Primeira exibição na Cinemateca:** 25 de Janeiro de 2013, Ciclo “Foco No Arquivo | A Coleção / As Coleções - O Nosso Século XX / Abril Em Super 8”.

SCORPIO RISING / 1963

um filme de KENNETH ANGER

Realização, argumento, imagem e montagem: Kenneth Anger / **Assistente para a localização dos locais de rodagem:** Tony Bandusk / **Música:** Ricky Nelson ("Fools Rush"), The Ron-Dells ("Wind-Up Dolls"), The Angels ("My Boyfriend's Back"), Bobby Vinton ("Blue Velvet"), Elvis Presley ("You're the Devil in Disguise"), Ray Charles ("Hit the Road, Jack"), Martha and the Vandellas ("Heat Wave"), The Crystals ("He's a Rebel"), Claudine Clark ("Party Lights"), Kris Jensen ("Torture"), Gene McDaniels ("Point of no Return"), Little Peggy March ("I Will Follow Him"), The Surfaris ("Wipe Out") / **Interpretação:** Bruce Byron (Scorpio), Johnny Sapienza (o "pombo"), Steve Crandell (Blondie), Bill Dorfmann (Black), Johnny Dods (King), Nelson Leigh (Jesus Cristo).

Produção: Puck Film Productions (Estados Unidos) / **Cópia:** da Cinédóc (Paris), em 16 mm, cor, sem diálogos/sem legendas / **Duração:** 28 minutos / **Primeira exibição na Cinemateca:** 13 de Dezembro de 1993, Ciclo “Mary Meerson: O Cinema como Magia”.

Nota: Fatucha Superstar será hoje apresentado num Restauro Digital realizado pela Cinemateca. A digitalização e a correcção de cor foram realizadas a partir de materiais em Super 8 mm, ao abrigo de uma parceria Cineric Portugal / Irmã Lucia Efeitos Especiais e o restauro digital do som foi feito pelo estúdio Billyboom, em 2025, usando uma cópia de época como referência. Infelizmente, não foi possível restaurar todos os danos na imagem e no som da cópia em Super 8mm que deu origem a esta digitalização.

*“Oh Fatucha, Superstar, porque andas tu o povo a enganar?
Oh Fatucha, Superstar, olha que ainda te vão lixar”.*

Fatucha Superstar é um dos expoentes máximos do que poderíamos chamar um cinema underground português, mesmo se é um filme atípico no contexto da obra cinematográfica do seu realizador, João Paulo Ferreira. Filmado em Super 8 mm e produzido pela Cineground (o nome diz tudo), **Fatucha Superstar** é um musical muito livre rodado entre amigos, e muito livremente inspirado em **Jesus Christ Superstar** (1973), de Andrew Lloyd Webber. Ou antes, é uma “Ópera Rock... Bufa”, como se apresenta no genérico.

Em pleno PREC e na sequência da Revolução de Abril, João Paulo Ferreira faz uma crítica corrosiva a um dos pilares do Estado Novo, a igreja, e em concreto às aparições de Nossa Senhora de Fátima e ao próprio Santuário de Fátima, que já na altura atraía milhares de peregrinos. Mas João Paulo Ferreira vai muito mais longe do que poderíamos esperar (António de Macedo, faz na altura outra importante crítica, no âmbito de um cinema dito mais convencional, mesmo se bastante radical como nos revela **Fátima Story**, 1975), pois a Nossa Senhora é “Fatucha Superstar”, um travesti que aparece aos três pastorinhos num descapotável moderno e em vestes ousadas. Paródia de **Jesus Christ Superstar**, a música de abertura é a mesma em versão instrumental sobre imagens de peregrinos no Santuário Fátima, num registo directo que acentua também o comércio à volta do culto das aparições, com toda a sinalética envolvente e muitas bancas de souvenirs.

E se Nossa Senhora é um travesti, Lúcia e Jacinta também. É a Francisco que Fatucha aparece, que por ela se apaixona, dedicando-lhe uma canção “Eu sinto a minha cabeça à roda, o peito um espartilho, não posso esquecer aquela gaja, que é boa com’o milho (...) Penso em nós os dois a morar juntinhos, numa nuvem alugada, com renda limitada”. As músicas e as palavras dizem tudo, sendo as letras das canções do próprio João Paulo Ferreira, mas as imagens também. Ao kitsch e ao burlesco junta-se o erotismo e mesmo alguma pornografia, aproximando-se o filme de uma estética *camp*. Fatucha despede-se do pai (Deus), que a considera uma “debochada”, e reaparece aos pastorinhos com truques de magia, transformando Jacinta numa “linda” mulher, mesmo se algo corre mal. Lúcia, com o seu bigode farto, é exemplar, e é por entre psicadélicas imagens caleidoscópicas e as luzes de uma pista de dança, que se convoca toda uma série de personagens celestiais – Deus, a Virgem Maria, mas também anjos e freiras, que se entregam aos prazeres carnavais.

Um filme verdadeiramente subversivo que, caso não tivesse passado despercebido a muitos (a sua natureza underground), certamente teria causado muita polémica no nosso país. Pensamos nas repercussões da exibição de **Je Vous Salue Marie** (Jean-Luc Godard, 1985) na Cinemateca em meados dos oitenta, quando grupos católicos ultraconservadores tentaram boicotar a projecção. Como se diz no genérico da versão digital agora exibida, **Fatucha Superstar** teve uma segunda versão, remontada em vídeo pelo realizador em data desconhecida. Esta digitalização realizada pela Cinemateca em 2025 corresponde à versão original em película, e esta cópia resulta da digitalização 2K de uma cópia síncrona reversível Super 8 com som magnético. Este é até hoje o único elemento fílmico desta obra conservado pela Cinemateca,

que mostrámos pela primeira vez em 2013 numa destas sessões, mas cujo som pode ser agora melhorado. Uma sessão memorável, que contou com o projector Super 8 na sala, que procuraremos agora replicar, dada a força de um filme em que o humor corrosivo surge associado a uma crítica da religião e a uma sexualidade mais explícita, mistura de ingredientes difícil de igualar.

Scorpio Rising é um clássico de Kenneth Anger e do underground americano. Será o trabalho mais célebre de Anger, e um daqueles em que este leva mais longe a fetichização sexual. Motards, blusões de couro e correntes fazem parte do imaginário de um trabalho notável, que exerceu uma enorme influência sobre o cinema mais alternativo seu contemporâneo, demonstrando a forte transgressão formal e cultural que caracterizou o underground. Organizado de acordo com um excelente trabalho de montagem, a que não é alheia a experiência de Anger nesta área, **Scorpio Rising** cruza todo um conjunto de rituais associados à cultura motard e aos seus ídolos, como James Dean, Marlon Brando (convocado através do filme **The Wild One**, 1953), com um trabalho sobre imagens de arquivo, que associam esse mesmo imaginário a figuras como Cristo, revelado pelas imagens de um filme religioso sobre Jesus e os seus apóstolos, que alternam com imagens dos motociclistas numa grande festa. Trata-se de uma curiosa cópia do filme **Last Journey to Jerusalem** (1953), encomenda que, por engano, um dia foi entregue na casa de Anger.

Uma associação de imagens extremamente singular, cuja peculiaridade será exacerbada pela música que determina o ritmo de todo um filme. O som assenta precisamente na importância da banda excelente musical, e não no habitual poder da palavra. Longe de temáticas associadas ao ocultismo que atravessam outros trabalhos de Anger, como **Invocation of My Demon Brother** (1969) ou **Lucifer Rising** (1972), **Scorpio Rising** é um filme mais directo e menos críptico, mas, tal como estes, não ficou alheio à controvérsia, neste caso associada à simbologia nazi aqui presente relacionada com os Hell's Angels. Como escreveu Antonio Rodrigues a propósito de uma exibição anterior de **Scorpio Rising** na Cinemateca em 2009, que contou com a presença de Kenneth Anger, “apesar de toda a parafernália fetichista e sadomasoquista (ainda não vulgarizadas, o que dava a este filme, à época em que foi feito, uma novidade que o tempo enfraqueceu) e apesar de todo o seu aspecto ritual, é um filme cheio de humor”. As ligações entre os dois filmes são óbvias.

Joana Ascensão